

ARTILHARIA DE COSTA — ARTILHARIA

Cel Art (QEMA)
HELIO DUARTE PEREIRA DE LEMOS

*“O mais alto valor de uma nação
vibra n'alma do soldado, ruge n'alma do canhão”*

A Cavalaria de Osório será sempre uma arma atualizada, por que se identifica por sua missão e não pelo seu meio de transporte.

O cavalo, símbolo imortal da Arma, está sem dúvida ultrapassado, mas a cavalaria permanece nobre como desde os tempos de Felipe da Macedônia, embora mecanizada, motorizada ou mesmo alada, porque a ela cabe Missão própria que a caracteriza.

Conceito semelhante poder-se-á atribuir às demais Armas. A Infantaria de Sampaio dispõe hoje de moderno armamento automático, canhões, meios blindados e continua a ser a Rainha das Armas, insubstituível em sua Missão. A Engenharia de Vilagran, Arma eclética, presente em toda a profundidade dos campos de batalha, participando de todas as ações, cumpre sua grandiosa Missão, empregando enorme gama de meios modernos que cada dia lhe aumentam a capacidade de apoio. Assim também a Arma de Rondon, as Comunicações, hoje com prioridade em seu reequipamento, para não mais ser injustiçado o trabalho de seus homens. Enfim, todas as Armas e Serviços, isoladamente ou integrados em conjuntos táticos, têm seu emprego específico, sendo para isso treinados e reequipados.

A Artilharia de Costa sofre hoje idêntica incompreensão à sofrida pela Cavalaria. Diz-se que está ultrapassada e que sua existência não mais se justifica. São opiniões infundadas ou pouco meditadas. A grave consequência é que essa falsa afirmação se generalizou no meio militar e extravasou para o campo da opinião pública civil, resultando numa lamentável motivação geral para a extinção dos Fortes e Fortalezas. Há quem ache até devam ser alienados para permitir a construção de Hotéis, Clubes, etc. Enganam-se os que assim pensam. Pedimos vênias para discordar totalmente dessas opiniões ingênuas e absurdas.

Preliminarmente, devemos fixar, de uma vez por todas, que um Quartel é uma Escola e também uma organização de Assistência Social a militares e civis. Bem sabem as autoridades, os homens realistas e a mocidade brasileira que serve ao Brasil, através do Serviço Militar, que um Quartel é verdadeiramente uma Escola. Mas uma Esco-

la que evolui, que se atualiza e que se aprimora. A caserna não sòmente alfabetiza o conscrito mas lhe dá também conhecimentos que, em sua vida civil, valem uma profissão, como motorista, operador e mecânico de rádio e de telefone, mecânico de auto, dactilógrafo, etc. Tudo isso sem levar-se em conta a cultura cívica, a formação moral e o desembaraço que ali adquirem.

Há que acordar e sacudir aquêles que tentam resolver problemas brasileiros como se estivessem em terras alienígenas. Não resta dúvida de que o turismo é excelente fonte de renda, mas não há turismo que pague a extinção de uma Escola ou de um Quartel, mesmo porque há muitos locais disponíveis para êsse fim, em todo o Brasil.

Há, evidentemente, um erro por falta de esclarecimento, ou então, o que seria lamentável, alguma idéia intencional para tentar influir na opinião militar.

Não há militarismo na defesa que fazemos. Aliás, são conhecidos no mundo inteiro os fundamentos da formação dos quadros militares brasileiros, cuja origem é caracteristicamente popular, não constituindo casta.

Felizmente, os atuais chefes militares não pensam em extinção de quartéis. Como exemplo, aí temos hoje reativada a Fortaleza de São João.

Entre os principais argumentos para a reorganização dessa Fortaleza podem ser alinhados:

- necessidade de segurança da área;
- qualquer Unidade de Artilharia de Costa pode transformar-se, em prazo curto, numa Unidade de Artilharia de Campanha.

Essa última razão fortalece a idéia de que a pouca Artilharia que possuímos não deve ser reduzida, para que o problema da mobilização se realize maiores facilidades.

Tal como ocorre nas demais Armas, a Artilharia de Costa terá que ser modernizada, fato êste já considerado pelos órgãos do Exército ligados ao problema.

Em consonância com êsses objetivos de dinamização e atualização da Artilharia de Costa, vêm se processando estudos no QG da A Cos/1, visando a elaboração de propostas para instalação de material de Artilharia móvel nas Fortalezas. Êsse tipo de Artilharia de Costa é empregado também em Campanha o que, com mais forte razão, justifica plenamente tal mudança. O Arsenal da Urca executará, em breves dias, experiência com a primeira plataforma para o tiro de Costa ou de Campanha do material atualmente distribuído às Unidades Móveis.

Assim, para a satisfação de nossos Artilheiros e do próprio Exército, as Fortalezas estarão atualizadas, e não se falará mais em arcaísmo em relação à Artilharia de Costa.

No período em que se processam os estudos e a substituição paulatina do material fixo, não nos devemos esquecer do salutar princípio de que não se abandona ou se despreza um meio, por mais antiquado que seja, sem contar, antes, com outro mais moderno para substituí-lo: Ruim com Ele, Pior sem Ele. Nesta oportunidade, lembremos ainda que Artilharia de Costa Fixa tem missões bem definidas e representa fator importante nas missões de segurança interna. Sua instrução e servidões, para o atendimento das Diretrizes de todos os escalões, são iguais às de qualquer Unidade de outra Arma.

Detalhando, não nos devemos esquecer de que Artilharia de Costa Fixa não é apenas canhão encravado nas estruturas de cimento. É também um conjunto de instalações e de serviços, inclusive centros sociais, em perfeito funcionamento, atendendo, permanentemente, a todas as necessidades militares e de assistência àqueles que vivem em torno do quartel. E ainda mais, esses serviços e instalações, que incluem usinas elétricas próprias, constituem bases de paz prontas para receber qualquer tipo de Artilharia, incluindo os modernos foguetes ou mísseis, que também constituem material móvel.

Se levarmos em conta as dificuldades de campos de instrução para o tiro real em todo o Brasil, em apenas um segundo de raciocínio, verificamos que o mar é e será sempre um campo de tiro pronto para a experiência com foguetes. Além das várias ilhas, bordando o nosso litoral, alvos artificiais flutuantes podem ser lançados para a execução do tiro.

Então concluiremos, com segurança, que, atualmente, já dispõe a Artilharia de Costa de bases para foguetes e mísseis, só faltando a sua instalação.

Dirão agora alguns: "os foguetes custam elevadas somas, não os temos no Brasil, isto é um sonho".

Não, amigos, não é um sonho. Os Estabelecimentos de Engenharia das Forças Armadas estão capacitados a projetá-los e a fabricá-los aqui, com recursos brasileiros. Em São José dos Campos, o ITA da FAB, produz foguetes que podem subir até 80 km e o IME, do Exército, está realizando estudos para fabricação de foguete-piloto, com empena de 30 km de alcance, e já experimentou o rotativo 108 R. Provar-se-á então que se foi difícil, no passado, a fabricação de canhões no Brasil, não o será hoje a produção de foguetes.

São os nossos engenheiros militares que o afirmam. Além do mais, os foguetes e mísseis são meios cujos efeitos psicológicos nenhum Exército deve subestimar.

Com esses modernos engenhos de guerra, não falaremos mais de Artilharia de Costa e sim de Artilharia, toda ela uma só, a tradi-

cional arma de apoio material e moral dos campos de batalha, com seus fogos largos, densos e profundos.

Acrescentamos ainda que a Artilharia de qualquer característica, de Costa, Antiaérea ou de Campanha, constitui um meio para emprêgo também nas operações de guerra revolucionária, dentro de sua missão de apoio ou como arma base, nas ações de cêrco, varredura, limpeza, contrôle de distúrbio, ocupação e reconquista de pontos ou áreas sensíveis, etc. Por êste motivo é que consideramos a A Cos/1, por exemplo, uma GU como outra qualquer, dentro do quadro da Segurança Interna e da Guerra Revolucionária.

Antes de finalizar êste artigo, desejamos expressar aos nossos companheiros de Arma a satisfação da certeza de que os nossos chefes estão bem informados sôbre a situação da Artilharia de Costa, e empenhados na solução urgente dêsse problema.

Não podíamos encerrar aqui a opinião que acabamos de traduzir, sem uma palavra à nossa Artilharia de Campanha, tão necessitada de novos equipamentos. E apesar de todo o sentido de modernização, achamos que até nossa antiga Artilharia de Montanha poderia voltar aos quadros de efetivo do Exército, tracionada por viaturas leves, para emprêgo em terreno apropriado contra a Guerra de Guerrilha.

E assim, nós, os Artilheiros de Mallet, teremos maior ânimo para cumprir a nossa missão com canhões, obuseiros ou foguetes, porque, em síntese, "a arma do artilheiro é o projétil".

Marchemos, portanto, de braços dados com as Armas irmãs, pela eficiência cada vez maior do nosso Exército e pela permanente união de todos, para que sejam asseguradas as condições de tranqüilidade tão necessárias ao desenvolvimento do Brasil.

N.R. — O presente artigo, foi publicado no Suplemento Especial da "Fôlha de São Paulo", de 16 de abril de 1967.